

Ação, agentividade e causatividade em estruturas oracionais de ação-processo

Sebastião Expedito Ignácio*

Resumo:

Discuto neste artigo a tipologia dos principais papéis temáticos que compõem as estruturas oracionais em que há um "fazer" por parte do sujeito e um "acontecer" em relação ao objeto afetado. Procuo rediscutir o conceito de "ação", com a intenção de justificar o rótulo "ação-processo" nessas estruturas.

Palavras-chave. agentividade; causatividade; ação, ação-processo, processo.

Abstract:

In this paper, I discuss the typology of the main thematic roles in clause structures with a subject that does an action and an object that is affected by the action. I intend to rediscuss the concept of "action", in order to justify the "action-process" label assigned to such structures.

Keywords: agentivity; causativity; action, action-process, process.

Preliminares

A discussão que aqui se desenvolve é resultado de uma pesquisa maior, financiada pelo CNPq, em que se analisam as estruturas argumentais e morfossintáticas dos verbos do português escrito contemporâneo do Brasil, abrangendo as quatro categorias sintático-semânticas das estruturas verbais – ação, ação-processo, processo e estado – e que visa a fornecer subsídios para a feitura de um dicionário de valência verbal. O destaque da categoria "ação-processo" para a produção deste artigo deve-se: (i) a sua predominância numérica no "corpus" analisado (num ambiente constituído de 3.500 verbos estudados até o presente momento, num total de 4.935 realizações das quatro categorias, registraram-se os seguintes percentuais: ação-processo = 45,2%; ação = 29,3%; processo = 15,8%; estado = 9,7%) e (ii) à complexidade estrutural (quantidade e diversidade de papéis temáticos com grande possibilidade de mobilização na produção de frases derivadas).

É necessário que se justifique a opção pelo rótulo "ação-processo" para definir as estruturas oracionais que se constroem, basicamente, ou com sujeito Agentivo (**O motorista** derrubou o muro) ou com sujeito Causativo (**O vento** derrubou o muro) ou, eventualmente, nas estruturas derivadas (Ignácio, 1994), com sujeito Instrumental (**O trator** derrubou o muro). Esta última estrutura deriva de Alguém derrubou o muro com o trator. Essa aparente inadequação – o emprego do termo "ação" também para eventos (Dik 1989) desencadeados por um papel temático "não-agentivo" – justifica-se, por um lado, pelo fato de que proponho estender o uso desse termo a todos os casos em que haja uma atividade por parte do sujeito e, por

* Instituto Militar de Engenharia Departamento de Engenharia de Computação

** PUC-Rio, Departamento de Letras.

outro lado, por se tratar de uma simplificação de descrição que seria muito produtiva, por exemplo, na montagem de verbetes de um dicionário. Isso quer dizer que estarei propondo uma ampliação do conceito de “ação”, como se verá adiante.

O estudo fundamenta-se basicamente nas teorias sintático-semânticas que concebem a centralidade do verbo na organização da frase, como a gramática de valência e a gramática de casos. Assim, constituem a base do trabalho autores como Tesnière (1966), Chafe (1979), Fillmore (1968 e 1977), Vilela (1984), Borba (1996), além de outros de orientação funcionalista como Dik (1989) e Neves (1987 e 2000). Também se afiguram altamente relevantes os trabalhos específicos sobre papéis temáticos de Franchi & Cançado (2003) e Cançado (2000 e 2005), que rediscutem as posições dos principais teóricos que tratam do assunto. Além das discussões teóricas contidas na literatura sobre o tema, a análise e a interpretação do “corpus” que serviu de base para a pesquisa ensejaram as reflexões e propostas que se fazem no presente texto.

Propriedades semânticas dos papéis temáticos numa estrutura oracional de ação-processo

Em princípio, as orações ativo-processivas constroem-se a partir de um verbo de, no mínimo, dois lugares que seleciona, fundamentalmente, na posição de sujeito um argumento Agentivo ou Causativo ou Instrumental e na posição de objeto um argumento Paciente afetado. Ex.:

- (1) **Indivíduos inescrupulosos** estão devastando **a floresta amazônica**.
- (2) **A seca** devastou **as plantações**.
- (3) **Serras criminosas** cortam **árvores centenárias**.

Apresenta-se como propriedade comum ao Agentivo, Causativo e Instrumental a capacidade de desencadear uma atividade ditada pelo verbo. Esses papéis temáticos distinguem-se, no entanto, nessa propriedade, em primeiro lugar pelo poder de manipulação ou controle e pela intencionalidade/volição: enquanto o Agentivo é manipulador e volitivo, o Causativo é não-manipulador, não-manipulado e não-volitivo e o Instrumental é manipulado e não-volitivo. Sendo manipulado, o Instrumental pressupõe um Agentivo como o desencadeador mediato da atividade. É preciso não confundir o traço causatividade (ser a causa imediata do desencadeamento de uma atividade), comum a esses três tipos de papéis temáticos – e então todos são causativos – com o caso semântico Causativo.

O traço animacidade, sempre presente no Agentivo, não é relevante para o Causativo e para o Instrumental, embora estes últimos sejam predominantemente não-animados. Ex.:

- (4) **Uma árvore** caída na estrada provocou o acidente. (Ca -anim)
- (5) **Um cavalo** solto na pista provocou o acidente. (Ca +anim)
- (6) **A bengala do cego** ajudou-o a furar a fila. (Instr -anim)

(7) **Uma criança de colo** ajudou a mãe a furar a fila. (Instr + anim) [= A mãe usou a criança para furar a fila.]

O traço concretude, relevante para o Agentivo, não é crucial para o Causativo e Instrumental. Como abstratos, estes dois últimos casos semânticos podem se apresentar independentes de uma manifestação humana ou derivar-se de um sentimento ou atividade de um ser humano:

- (8) **A seca** castiga a região nordestina.
- (9) **O ódio** destrói os mais recônditos sentimentos de afeto.
- (10) **A omissão da CPI** prejudicou inocentes e inocentou culpados.

Cabe aqui considerar os traços distintivos entre Causativo e Instrumental em estruturas formalmente semelhantes:

- (11) **O sorriso de Vera** deixou o noivo preocupado.
- (12) **A fala mansa do pai** não convencia a filha.

Em (11) e (12), assim como na maioria dos casos em que há um Agentivo em potencial, o sujeito caracteriza-se como Instrumental caso haja intencionalidade na prática da ação. Se não, será Causativo. Logo, nesses casos, é o contexto ou dimensão pragmática o fator decisivo para a caracterização. Nos exemplos acima, O sorriso de Vera e A fala mansa do pai se configuram como Instrumental, se as frases puderem ser assim parafraseadas:

- (11a) Vera utilizou-se do seu sorriso para deixar o noivo preocupado.
- (12a) O pai utilizava-se de fala mansa para convencer a filha.

De qualquer forma, em havendo um Instrumental na posição de sujeito, haverá sempre um Agentivo implícito ou pressuposto. Ex.:

- (13) A polícia chegou atirando e uma bala perdida atingiu um adolescente.
- (14) **Uma tesoura de prata** ia cortando os tecidos com rapidez.

Em (13), o Agentivo "polícia" está implícito na segunda oração. Em (14), pressupõe-se que alguém (um Agentivo) manipulava a tesoura.

Por fim, a presença do objeto Paciente afetado é que vai caracterizar o "processo" nas estruturas ativo-processivas. Esse afetamento inclui uma modificação que pode ser (i) uma alteração na estrutura física; (ii) uma alteração psicológica; ou (iii) uma mudança de lugar. Ex.:

- (15) Juca chegou bêbado em casa e quebrou **a televisão**.
- (16) Juca magoou profundamente **a mulher**.
- (17) Colocou **o livro** na geladeira e **o sorvete** na estante.

Considerando-se que o termo “atividade”, no sentido em que se emprega aqui, significa um fazer, podemos recorrer a Chafe (1979) para definir “ação-processo” como sendo ao mesmo tempo um fazer por parte do sujeito e um acontecer em relação ao objeto.

Cumprido considerar que, nas estruturas em estudo, as relações entre papéis temáticos e as posições que ocupam, ou seja, as funções sintáticas de sujeito e objeto, são prototípicas e nada impede que um determinado argumento seja ao mesmo tempo Agentivo e Paciente, independentemente de sua posição. Ex.:

- (18) Josué chegou à fazenda cavalgando um belo alazão.
- (19) Embora pobre, Paulo estuda os filhos em escola particular.
- (20) Dona Marisa só faz as unhas com uma manicure francesa.

Em (18), uma estrutura ergativa, um belo alazão é ao mesmo tempo Paciente e Agentivo. Em (19), o constituinte os filhos, sendo um participante com controle sobre a ação, é, além de Paciente, também Agentivo. Em (20), não há dúvida de que Dona Marisa seja Paciente da ação praticada pelo Agentivo manicure francesa, mas que também seja Agentivo, pois controla a ação de “mandar fazer”.

Pelo que ocorre em (18, 19 e 20), parece não se sustentar a clássica noção de que se na frase houver um Agentivo, este será o sujeito. A menos que se considere uma escala hierárquica de Agentivos em que o de “primeiro grau” será sempre o sujeito. Por outro lado, há que se considerar certas restrições quando se tem um Causativo ou um Instrumental na posição de sujeito: o Causativo bloqueia a ocorrência, na mesma oração, de um Agentivo ou de um Instrumental. Isso porque (i) sendo o Causativo não-controlador e não-controlado, exclui o Instrumental (essencialmente controlado) e o Agentivo (essencialmente controlador); (ii) sendo o Causativo e o Instrumental ambos desencadeadores de uma atividade, quando na posição de sujeito, bloqueiam o Agentivo que, em qualquer posição, é também desencadeador da ação. Embora o Instrumental pressuponha sempre um Agentivo, torna-se agramatical uma frase como: *A chave abriu a porta com/por João. Não tenho, até o momento, uma hipótese de natureza sintática para esta agramaticalidade, no entanto, aqui prevalece a regra de Fillmore (1968) segundo a qual se houver dois SNs em uma sentença, o que for mais alto na hierarquia semântica será o sujeito. Logo, o Agentivo não pode estar na posição de complemento, ressalvando os casos em que há na oração dois Agentivos, como se viu em 18, 19 e 20.

Convém considerar, ainda, que, em certas estruturas de ação-processo, é possível ter estruturas derivadas correspondentes, que se caracterizam como exclusivamente de ação ou de processo, passando o objeto Paciente à função de sujeito Agente ou Paciente, sob as seguintes condições:

a) Se o verbo lexicaliza o processo, a oração derivada se realiza com o mesmo verbo:

- (21) O jogador estende a mão ao adversário e o levanta.

(21a) O adversário levanta(-se).

b) Se o verbo lexicaliza a ação, a oração derivada se realiza com outro verbo que corresponde ao processo resultante da ação:

(22) O zagueiro **derrubou** o centroavante dentro da área.

(22a) O centroavante **caiu** dentro da área.

Essas condições são válidas também para os casos de sujeito Causativo com algumas particularidades restritivas:

(23) O volume das águas **levantou** a ponte.

(23a) A ponte **levantou**(-se).

(24) O volume das águas **derrubou** a ponte.

(24a) A ponte **caiu**.

Uma das particularidades é a possibilidade de recuperação do Causativo na posição de complemento na estrutura derivada, o que não ocorre com o Agentivo:

(23a1) A ponte levantou(-se) **com o volume das águas**.

(24a1) A ponte caiu **com o volume das águas**.

Seria agramatical:

(21a1) *O adversário levanta(-se) **com o jogador**.

(22a1) *O centroavante caiu **com o zagueiro**.

Os quatro papéis temáticos até aqui considerados são prototípicos das estruturas ativo-processivas bivalentes, no entanto, em estrutura trivalentes e tetravalentes, podem ocorrer ainda, nas posições de objeto preposicionado (objeto indireto e complemento circunstancial de lugar), Beneficiário/Destinatário e Locativo. Ex.:

(25) O coronel destinou sua fortuna **a uma cabrocha**. [Ben/Dest]

(26) João leva calçado **de Franca para Manaus**. [Loc-Or e Loc-Met]

Acrescente-se, ainda, que, em razão das cenas que se desenvolvem na dimensão pragmática, pode haver a superposição de traços semânticos. Por exemplo, o Agentivo pode caracterizar-se também como Experimentador:

(27) Com imenso pesar, **Abelardo** entregou sua filha para adoção.

Aqui, o sujeito Agentivo Abelardo "experimenta" o sentimento de pesar pela entrega da filha para adoção.

Ação, atividade, agentividade e causatividade

Se fizermos coincidir o termo agente com Agentivo e atrelarmos a esses

termos o conceito de ação, então concluímos que só haverá ação quando houver um fazer consciente, intencional/volitivo e controlador por parte de um ser animado e, do ponto de vista filosófico, especificamente humano. É aqui abro um parêntese para dizer que, segundo minhas concepções, evidentemente intuitivas, não descarto a hipótese de que os animais irracionais tenham um certo grau de volição, por isso os incluo também na categoria de eventuais Agentivos. De acordo com esse ponto de vista, seria inadequado falar em "ação-processo" numa estrutura oracional com sujeito Causativo. Quando muito se admitiria o sujeito Instrumental, já que, neste caso, se pressupõe sempre um Agentivo remoto. Não discuto a validade dessas restrições dentro de um modelo semântico-sintático que recorre, por vezes, até a critérios antropomórficos. Mas vejo, por outro lado, que se pode proceder a uma certa generalização (?) do ponto de vista conceitual, o que nos levaria a uma simplificação terminológica bastante produtiva. Para isso é necessário rediscutir o conceito de ação para que se possa conceituar os termos atividade, agentividade e causatividade.

Sem querer ressuscitar os lógicos e sem me prender ao conceito genérico e popular de agente, posso começar por afirmar que o que se denominou até aqui Causativo e Agentivo poderia ser englobado na rubrica de Agente (note-se que, popularmente, se fala da chuva, do vento, etc., como "agentes da natureza"). No entanto, para não entrar numa questão mais complicada, tentarei estender o conceito de ação aos fenômenos desencadeados pelos verbos que selecionam sujeito Agentivo ou Causativo e atrelá-lo ao conceito de atividade. Desse modo, a atividade (ou a ação) se desmembra em agentividade, quando se tem um sujeito Agentivo, e apenas causatividade, quando se tem um sujeito Causativo. Com relação ao sujeito Instrumental, há uma causatividade imediata e uma agentividade mediata, pressuposta. Há ainda que se considerar que o fenômeno causatividade, como se viu, estaria presente na agentividade e não o contrário.

Nessa extensão do conceito de ação, não chego, evidentemente, ao extremismo de Chafe (1979, p. 102), que considera como "ação-ambiente" as realizações "It's raining" [Está chovendo] e "It's snowing" [Está nevando], afirmando que se essas orações "expressam ações, fazem-no sem indicar nenhum agente". Essa classificação é incompatível com a sua própria definição de ação como sendo "alguma coisa que alguém faz". É aqui, se entendo por "alguém" o elemento capaz de desencadear uma atividade, e por "fazer", esse desencadeamento, posso aproveitar a definição de Chafe para embasar o meu conceito de ação, estendendo-o às orações com sujeito Causativo. Com relação às orações construídas com sujeito Instrumental, a existência de ação torna-se ainda mais defensável, uma vez que aí sempre se pressupõe um Agentivo, ainda que estejamos nos restringindo às relações intra-oracionais entre o verbo e o seu sujeito.

Com relação ao termo causatividade, é bom reiterar que, por se tratar de uma relação de causa e efeito, fenômenos que se realizam, respectivamente, num ponto de partida e num ponto de chegada, ou seja, numa Origem (o sujeito da oração) e numa Meta (um objeto afetado), a sua ocorrência independe do tipo de sujeito, mas está condicionada à existência de um objeto Paciente, característico das estruturas de "ação-processo".

Retomando a questão da animicidade (humano ou não-humano), é preciso reiterar que, embora seja um traço prototípico da agentividade, não constitui, por si só, índice decisivo para a detecção da agentividade ou da mera causatividade, isto é, para a identificação de um sujeito Agentivo ou Causativo. Muitas vezes só o contexto ou dimensão pragmática poderá decidir. Sejam os exemplos:

(27) Um animal na pista provocou o acidente.

(28) O pai de Rosinha, de pé na porta da entrada, obrigou o futuro genro dar a volta pelos fundos.

Em (27) parece não haver dúvidas de que o sujeito (Um animal) seja Causativo, uma vez que, evidentemente, não teve a intenção de provocar o acidente. Todavia, em (28), do ponto de vista pragmático, há duas possibilidades:

a) o pai de Rosinha teve a intenção de obrigar o futuro genro a dar a volta pelos fundos; então é sujeito Agentivo;

b) o pai de Rosinha nem percebeu a chegada do futuro genro, por isso não teve qualquer intenção; então é meramente Causativo.

Considerações finais

As estruturas oracionais ativo-processivas prototípicas são as que favorecem a co-ocorrência dos papéis temáticos Agentivo-Paciente-Instrumental, numa estrutura trivalente, considerando-se a ordem sujeito-objeto-complemento circunstancial. Numa estrutura bivalente, considerando-se a ordem sujeito-objeto, co-ocorrem Causativo-Paciente, Agente-Paciente e Instrumental-Paciente. Eventualmente, em estruturas trivalentes ou tetravalentes, podem ocorrer Beneficiário/Destinatário, como objetos preposicionados, e Locativo, como complemento de lugar.

O traço causatividade é comum aos três papéis temáticos que funcionam como sujeito (Agentivo, Causativo e Instrumental), com a ressalva de que o Instrumental é suporte de uma causa imediata, pressupondo sempre um Agentivo como causa mediata.

Considerando que o conceito de ação pressupõe atividade e que esta está presente no desenrolar do processo desencadeado tanto por um Agentivo quanto por um Causativo ou um Instrumental, na função de sujeito, conclui-se que a denominação ação-processo se afigura adequada para a classificação das estruturas em estudo. Ressalte-se apenas que enquanto o Agentivo pratica a ação, o Causativo e o Instrumental apenas a desencadeiam. Essa propriedade resulta do fato de que só o Agentivo é controlador e volitivo. Dada essa particularidade é que proponho o termo agentividade para a ação praticada pelo Agentivo e causatividade para a ação desencadeada pelo Causativo e pelo Instrumental, com a observação de que com sujeito Instrumental há sempre uma agentividade implícita ou pressuposta.

Afinal, ainda que a solução aqui proposta não seja definitiva, ela se apresenta como conciliatória e é bastante produtiva.

Referências

BORBA, F. S. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.

CANÇADO, M. O papel do léxico em uma teoria dos papéis temáticos. In: **DELTA**, vol. **16**, n. **2**, p. **297-321**, 2000.

_____. Argument positions and semantic properties. In: **DELTA**, vol. **21**, n. **1**, p. **23-56**, 2005.

CHAFE, W. **Significado e estrutura lingüística**. Trad. de M. H. M. Neves et al. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1979 [1970].

DIK, C. S. **The Theory of Functional Grammar. Part 1: The Structure of the Clause**. Dordrecht-Holland/Providence RI-USA: Foris Publications, 1989.

FILLMORE, C. J. The Case for Case. In: **Emmon Bach & Robert Harms (eds.)**. **Universals in Linguistic Theory**. New York: Holt, Rinehart and Wiston, 1968.

_____. The Case for Case Reopened. In: **COLE et al. (Ed) Syntax and Semantics: Grammatical Relations**, v. 8. New York: Academic Press, 1977.

FRANCHI, C. & CANÇADO, M. Teoria generalizada dos papéis temáticos. In: **Revista de Estudos da Linguagem**, v. **11**, n. **2**, p. **1-37**, 2003.

IGNÁCIO, S. E. O processo da derivação frasal nas frases dinâmicas do português escrito contemporâneo do Brasil. In: **ALFA Revista de Lingüística**. p. **33-45**, 1994.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: EDUNESP, 2000.

_____. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TESNIÈRE, L. **Éléments de syntaxe structurale**. **2. ed.**, Paris: Klincksieck, 1966.

VILELA, M. **Gramática de valências**. Coimbra: Almedina, 1984.